

FOLHA DE S.PAULO

Marcelo Miterhof

Economia é ciência?

Se uma construção cai, o engenheiro errou; um péssimo ministro da Fazenda pode virar um rico consultor

Não há resposta certa à pergunta do título. Contudo, sua discussão é proveitosa para entender a natureza da economia.

A constatação inicial é que os economistas tratam seu estudo de formas distintas. Pérsio Arida, em texto clássico, caracteriza a ortodoxia como uma tentativa de replicar a metodologia da física, o que faria o conhecimento econômico progredir por uma fronteira bem delimitada. A heterodoxia não aceita tal noção.

Questões teóricas perduram por séculos sem solução: a moeda é endógena ou exógena? A poupança precede o investimento ou não?

A equiparação à física é precária. Uma ciência dura ou natural se caracteriza por descrever com objetividade e distanciamento os fenômenos que analisa, obtendo leis (regularidades) e explicações que permitem fazer boas previsões.

O problema de caracterizar a economia como uma ciência dura é menos por sua conhecida capacidade de fazer previsões ruins. Isso poderia significar somente que seu estágio de desenvolvimento é inicial.

Mais relevante, a economia tem uma face prescritiva inexistente na física, indicando ao governo como agir. Comparação melhor é com a engenharia, que prescreve métodos de construção ou fabricação.

Porém é mais fácil julgar o trabalho de um engenheiro: se uma construção sua cai, sem dúvida ele errou. No caso dos economistas, um péssimo ministro da Fazenda pode virar um rico consultor. É que as prescrições econômicas têm uma dose de ideologia (crença) e interesse. É por isso que costumam ser avaliadas.

Por exemplo, uma grande preocupação com a inflação e o rigor fiscal atende à crença de que esses seriam requisitos da confiança dos investidores. No entanto, é também um jeito de fazer com que o principal interesse dos mais pobres (ganhar mais) seja deslocado para o longo prazo, enquanto é imediata a busca de inflação baixa, que preserva a riqueza de quem já tem renda alta.

Por outro lado, o foco na elevação dos salários reais revela a crença na demanda como motor da economia, mas também o interesse na distribuição de renda.

A ideologia também explica por que, ao contrário da física, a teoria econômica e suas recomendações pouco mudam. Ideologias são articulações de ideias que se caracterizam pela fixidez. Há quase 300 anos a maioria dos economistas sugere flexibilização do mercado de trabalho, austeridade fiscal etc.

É bom lembrar que, antes de ser um campo de estudo, a economia é um sistema: um conjunto de coisas que se relacionam obedecendo a certas regras.

O ser humano criou vários sistemas interessantes. O xadrez é complexo, mas fechado e dado. O carro é um sistema complexo e que muda. Só que as mudanças são planejadas e controladas por uma montadora.

A economia é o mais incrível: complexo, aberto e descentralizado, formado pela interação de um sistema produtivo e um monetário.

No capitalismo, a moeda sem lastro foi uma novidade decisiva para o sistema econômico, que fez a demanda --por produtos, inovações e investimentos-- passar a ser o motor principal do desenvolvimento produtivo, livrando a humanidade de ter que previamente acumular excedentes (poupança).

O dinamismo também trouxe mais volatilidade, o que exigiu o sistema evoluir. Por exemplo, crises bancárias levaram ao monopólio da emissão de moeda pelo Estado, que também criou o banco central para tentar evitar que problemas de liquidez derrubem o sistema econômico. Esses processos continuam a ocorrer: a crise do euro sugere a unificação fiscal de seus países.

Quer dizer, se a economia evolui pouco como teoria, o mesmo não vale para o sistema econômico. O seu estudo é útil, pois permite entender suas possibilidades, seus limites e riscos e como ele pode ser manejado para atender aos interesses que defendemos. Para tanto, uma boa dose de pragmatismo é saudável.

Nesse sentido, não gosto da abordagem ortodoxa pois se refere a um sistema pré-capitalista, em que a presença da moeda não muda as características de uma economia de escambo, e se baseia em idealização do sistema econômico pouco afeita à contraposição com a realidade.

Porém, dado o viés ideológico, é difícil mudar o entendimento econômico de alguém. Convém ao menos ter claro que a economia não é uma ciência dura. Tal equiparação é frequentemente uma forma de tomar como necessárias prescrições que são apenas crenças e defesa de interesses.

MARCELO MITERHOF, 39, é economista do BNDES. O artigo não reflete necessariamente a opinião do banco. Escreve às quintas-feiras nesta coluna. marcelo.miterhof@gmail.com

Endereço da página:

<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mercado/117239-economia-e-ciencia.shtml>